

PP
08079

O trem da meia-noite

13 DEZ 1992

JOSÉ SARNEY

A economia americana, depois de um longo período de hibernação, dá sinais de recuperação. As pessoas voltam a comprar. O desemprego, embora alto, parece demonstrar uma pálida tendência de declínio. As medidas tomadas por Bush, no desespero de evitar a derrota e as novas expectativas da vitória de Clinton, favorecem o clima psicológico tendente a afastar o desânimo. A pergunta é se o fenômeno é apenas uma circunstância ou é o início de uma nova etapa de crescimento. Esta hipótese, se confirmada, cria um novo clima para a economia mundial.

Hoje, com o fim da guerra fria e a vitória do liberalismo, não há como fugir à realidade de um mundo interdependente, de uma economia internacionalizada, em que será impossível a existência de espaços e países vivendo em autarquia. Desapareceu o poder de barganha política do Terceiro Mundo e dos países em desenvolvimento.

Nessa paisagem é impossível não fazermos uma reflexão e ajustarmos a nossa política, definindo novos objetivos e linhas de ação.

Quando houve a grande mudança,

há dois anos, o Brasil perdeu a oportunidade de ouro que a História nos oferecia. Começamos a falar em modernidade e Primeiro Mundo. Abandonamos a política que vínhamos seguindo, de criar um espaço econômico na América Latina, articulados com nossos vizinhos. Abrimos o flanco à dúvida sobre a seriedade dos nossos acordos com a Argentina ao, demagogicamente, anteciparmos o nosso mercado comum para 94, meta inviável e impossível, que só serve para criar os problemas que estamos vivendo, pondo em risco um trabalho tão sério e tão necessário ao futuro do continente.

Os americanos, diga-se, a administração Bush, tinham desconfiança de que a nossa política de integração era uma política antiamericana. Bush não fez nenhum gesto de apoiá-la, de julgá-la correta. Restringiu-se a uma manifestação retórica da Iniciativa para as Américas, que visava, exclusivamente, cobrir a Zona de Livre Comércio com o México, de interesse interno dos EUA, para que não fosse vista como uma exclusão do resto do continente.

Agora, o problema é mais grave. O Brasil está sendo isolado. As declarações de Clinton são para meditar. Ele falou de uma cooperação estreita com a América Latina. Com o México, em particular, o desejo de um grande programa com o Chile e um

apoio decisivo à Argentina. Nenhuma palavra sobre o Brasil.

Manchou o país a nódoa que os fatos apurados pela CPI do Congresso deixou. A tal modernidade foi a destruição de nossa política exterior, da máquina administrativa e a nossa inclusão no rol das nações que têm a corrupção como uma forma institucional de governo. A decisão do Congresso, atendendo à unidade da opinião pública do país, salvou o Brasil de uma maior e grande vergonha. Afinal merecemos um notável respeito, um grande crédito. Um país que se comporta como nos comportamos, unidos, em paz, dentro da lei, processando até o fim o primeiro impeachment da História moderna, não é um país medíocre.

É hora de revermos nossas relações internacionais. A começar com os Estados Unidos, hoje, sem contestação, o motor do poder mundial. Não há mais como se perder em opções, nem oscilar em vacilações. Temos de ter relações fortes e poderosas com eles. Não podemos ficar isolados. Afinal, fomos aliados sempre nos ideais maiores que nos uniam: democracia, liberdade, livre iniciativa. Participamos juntos de duas guerras mundiais. Temos com eles, historicamente, o nosso maior vínculo econômico.

Isto não significa ceder em nada.

Mas dialogar, sentar à mesa. Dizer-lhes o que é verdade: nenhum projeto para a América do Sul pode ser feito à margem ou desconhecendo o Brasil.

O Brasil, já disse o presidente Itamar Franco, jamais irá contra a História. Ele afirmou que não dará nenhum passo atrás no caminho da liberalização. Compreendo que a preocupação do presidente é de não deixar que a privatização esteja ligada à corrupção, que não exista uma política industrial conectada a ela. Assim foi feito no mundo inteiro e em todos os países com governos responsáveis.

A mudança de governo nos EUA nos oferece a oportunidade de construir uma nova época no nosso relacionamento. Vejo o Partido Democrata aberto aos novos tempos. Temos no Ministério das Relações Exteriores um dos melhores homens públicos do país, que conhece os membros da política internacional, e um presidente que veste a camisa do Brasil e não as camisetas da demagogia.

A hora é esta. Temos que apanhar o trem da nova economia mundial, nem que seja o da meia-noite. Ele é o último.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.